

Exposição Cênica – Arqueologia Histórica de Mato Grosso do Sul

*Gilson Rodolfo Martins**

Esta exposição, com salas temáticas, permite ao visitante cruzar a visão contemporânea e artística da arqueologia com o acervo museológico permitindo uma viagem até o período colonial de Mato Grosso do Sul, durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

Palavras-chave: Mato Grosso do Sul. História. Arqueologia.

This exposé with thematic rooms permits the visitor to intersect a contemporary and artistic vision of archology with the museum's materials permitting a voyage down through the colonial period during the XVI, XVII and XVIII centuries.

Keywords: Mato Grosso do Sul. History. Archeology.

Comemorando o primeiro aniversário do MuArq (Museu de Arqueologia da UFMS), a exposição temporária *Arqueologia Histórica de Mato Grosso do Sul* está inserida no contexto da realização do I Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul. Concebida e executada pelo artista plástico Jonir Figueiredo, esta exposição estará aberta para visitação pública e gratuita entre os dias 18 e 29 de maio de 2009, das 08:00h as 18:00h, sendo o espaço expositivo composto por salas temáticas. Assim, como a Exposição de Longa Duração, que já é apresentada desde 19/05/2008, a Exposição Cênica contará com a companhia de monitores treinados para apresentar o acervo museográfico e conduzir os visitantes para uma “via-

* Doutor em Arqueologia pela USP. Professor Titular de Arqueologia Pré-histórica no Departamento de História do Campus de Aquidauana - UFMS - gilson.martins@pq.cnpq.br

gem” até o período colonial de Mato Grosso do Sul, durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

O primeiro ambiente expositivo, uma reconstrução artística desses cenários históricos/paisagens culturais, é a *Recepção*, espaço adaptado para receber os visitantes, sendo composto por imagens, música e “imersão” cênica. Nesse espaço, ocorrerá a experiência de “levar” os visitantes para um mergulho no passado e fazê-los interagir com a “realidade” pretérita do contato intercivilizatório. Sentir a sensação de uma radical experiência com o fenômeno da alteridade: o “branco” vendo o índio e a floresta, ao mesmo tempo sendo visto recebido/repelido pelo olhar do Novo Mundo. Um jogo de espelhos que refletirá os processos de construção identitária do sul-mato-grossense até hoje, aquele que traz um “mato grosso” no seu gentílico, que tem como “opção” escolher o *pantanal*.

A sensação de chegada, “descobrimento/descortinamento”, a um ambiente desconhecido, misterioso, exótico, mas também maravilhoso é o objetivo temático dessa “recepção”.

A floresta, abrigando seres reais e irrealis, sempre povoou o imaginário humano, é a materialização da fronteira entre os sonhos e a realidade. Desde os tempos pré-históricos até a atualidade, a floresta esconde a vida e a morte, a fortuna e a tragédia, é a porta para outro mundo. Para o selvagem o céu, para o adventício poderá ser o inferno verde. A floresta é pagã. Contemplar a floresta é o desafio do retorno ao mundo do paraíso, mas também das tentações, das dúvidas sobre a natureza de rastros ofídicos, o esconderijo perfeito das serpentes. Entre as incontáveis, qual será a árvore da vida ou da morte? O que há além? Na floresta não se vê e não se concebe o todo. É neste ambiente que a exposição começará a acontecer no visitante, a partir dessa “expedição” o visitante percorrerá a volta ao seu eu, aquele eu selvagem. O indissolúvel “homem/primata” terá que vencer o medo da natureza, das feras animais, humanas, simulacros míticos e místicos. A dualidade medo/ganância o levará a tentar “civilizar/colonizar” o desconhecido. Como ponto de partida expográfico o visitante poderá dialogar com uma reprodução de parte da obra de Claude François Fortier, *Floresta Virgem*.

A porta de acesso às demais salas é um corredor que tenta levar o visitante ao mundo das águas. O desenho do território de Mato Grosso do Sul é o contorno de uma malha hidrográfica. O *Caminho dos Navegantes*, tema do segundo espaço

expositivo, agora não mais *descobrimientos marítimos*, mas, *descobrimientos fluviais*, conduz a essa ambientação por meio de “janelas” sobre as bacias hidrográficas, com reproduções históricas, clássicas, dos rios Tietê, Paraná e Iguatemi – rotas das Monções. Expograficamente, esse espaço reproduz parte dos guias fluviais utilizados pelos primeiros exploradores (Bandeirantes) para chegar até o território atual de Mato Grosso do Sul, no século XVII. Retratando também parte do trajeto que, no século XVIII, partia do interior de São Paulo até o Forte Iguatemi, na divisa de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Parte deste caminho foi utilizado também pelos tripulantes dos comboios fluviais das Monções, que embarcavam no interior próximo à capital paulista com destino aos garimpos cuiabanos.

Fluir pelas Rotas das Monções levará o visitante ao que há além da floresta. É lá que estava o *El Dorado*, o mais longo e brilhante sonho conquistador. O sonho maravilhoso que se alternava com o pesadelo de estar perdido na selva sem caminhos, sem saída, onde é melhor nem gritar para não se fazer visível no invisível manto verde. O brilho amarelado, dourado, o *juverá* guarani que refletia das *maracaju*, vindo do sol, para o “branco”, vem da terra, não do mato. O sonho construiu o território, mas com ele veio também a febre. O homem retornou ao paraíso, não para usufruí-lo, reencontrar-se nele depois da amarga experiência da queda, mas para alargar a fronteira do terreno. Para os que dele nunca tinham saído, Aguirre encarna a cólera dos deuses.

“Embarcados” pelo *Caminho dos Navegantes* teremos acesso a outros cenários que contam com material expositivo. A área *Arqueologia de Contato* é composta por pinturas nas divisórias laterais que simulam perfis estratigráficos de áreas de decapagem, representando o trabalho do arqueólogo. No centro, vitrines exibem material arqueológico, composto por utensílios indígenas e artefatos arqueológicos originais, do tempo das missões jesuítas, no século XVII. É começo do novo para alguns e o começo do fim para outros. O que poderia ter sido um encontro transformou-se em um desencontro consigo mesmo. A intolerância com o diferente no outro expôs aquilo que incomodava, não estava bem resolvido em cada um. Ao observar esses acontecimentos a chamada *Arqueologia de Contato* descobre que o etnocentrismo *dá mau contato*.

A próxima ala, denominada *Santiago de Xerez*, terá, em suas divisórias laterais, representações dos rios Miranda e Aquidauana, pintadas pelo curador artístico desta exposição, Jonir. Há, ainda, um painel com mapas da localização de

Santiago de Xerez durante o decorrer dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX e, no centro desta sala, expostos em vitrines, amostras de vestígios arqueológicos (telhas e cerâmica) coletados durante escavações arqueológicas nessa extinta localidade colonial castelhana/paraguaia. Percorrer esses cenários nos lembra que já fomos “*um só país*”. Durante a concepção e montagem desta exposição cênica o Jonir teve a sensação de que a exposição deveria ser, além de temporária, também itinerante. A volta do Trem do Pantanal poderia nos levar de volta no tempo, olhando pelas janelas, em cada curva, em cada horizonte, visões múltiplas visões do passado. A chaminé da locomotiva lembra uma ampulheta posta ao contrário, onde, ao invés de areia escorrendo para baixo, as lembranças e as memórias se reerguem, com a fumaça formando nuvens conforme o cenário *navegado* no leito dos trilhos.

Na sala *Fortes Coloniais*, pinturas simulando paredes e vistas do Forte de Coimbra. Sobre as divisórias laterais, ainda no plano de fundo, fotos e mapas dos Fortes de Coimbra, Iguatemi e Miranda, fortes coloniais fundados na segunda metade do século XVIII, no sul da Capitania de Mato Grosso, no território que atualmente compõe a área de Mato Grosso do Sul. O material museográfico desta sala é representado por cerâmica arqueológica produzida nesse período, denominado cerâmica de contato ou ainda cerâmica neobrasileira. Esses fortes que, no passado, serviram para prender quem projetou seu próprio presente, hoje, são testemunhos que nos prendem ao passado e solidamente não deixam o passado se desprender do porvir.

Arte, Expressão e Impressão é o nome da sala onde, após a saída do *Caminho dos Viajantes*, pretende-se que, de maneira lúdica e criativa, os *caminhantes*, monitorados pelo curador artístico desta exposição, deixem sua impressão sobre a *viagem* através desse longo calendário.